REFLEXÃO

PONDERAÇÕES

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Nunca se mente tanto como antes das eleições, durante uma guerra e depois de uma caçada.

Otto von Bismarck

OUTUBRO E as eleições gerais vêm chegando rapidamente, ainda com candidatos indefinidos e com levantamentos de votos potenciais indicando larga vitória de brancos e nulos. A esquerda desunida, o centro disperso e a direita consolidada são as posições que se tem até agora. Com um dos pretensos candidatos preso, os números mostram possivelmente um dos mais frágeis quadros de possibilidades que se vê desde 1989. Chega a lembrar muito aquele ano!

Na esteira de debates com muitos pré-candidatos, foi abordada a questão do agronegócio. Pode-se perceber que há posições desconfortáveis de alguns e objetivas de outros, mas sempre sem se levar em consideração o que a macroeconomia e as reformas significariam e qual o seu impacto para esse setor tão dinâmico da economia brasileira. Um exemplo claro disso é que se sabe que, desde 2007, há uma crescente correlação entre os preços do petróleo e os das *commodities* agrícolas. Deste modo, o que acontece com a política de preços de energia tem relação forte com os preços dos alimentos ou de óleos vegetais, por exemplo. Quando questionados sobre o que fariam com a política de preços da Petrobras, as respostas vieram de acordo com as posições ideológicas de cada um, mas sem nenhum plano concreto.

Há os que defendem o Estado forte, mas enxuto e com foco no que é essencial, e há os que defendem o *status quo*, ainda que com aperfeiçoamentos. Nessa visão, tem-se a ideologia de controles *versus* a do mercado, o discurso da segurança armando a população *versus* o de longo prazo, com melhor educação, e assim por diante.

Voltando aos votos brancos e nulos, que podem ter um peso significativo nessas eleições, vale lembrar Platão, que disse que "não há nada de errado com aqueles que não gostam de política; simplesmente serão governados por aqueles que gostam".

Essa eleição ocorre em um momento de consolidação do protagonismo brasileiro nos campos da segurança alimentar global e das ações de mitigação das emissões de CO_2 graças ao agronegócio e à redução do desmatamento. Trata-se, portanto, de um caminho natural no importante espaço geopolítico para o Brasil representado pela oferta de alimentos, rações, fibras, borracha e energia renovável ao mundo cada vez mais limitado a áreas viáveis à oferta destes produtos.

Enquanto isso, nessa terra da liberdade, cozinheiros são especialistas em pesticidas, juízes do Supremo Tribunal Federal (STF) coordenam tabelas de fretes com preço mínimo e prisioneiros com sentenças que somam mais de trinta anos são libertados sem reação dos juízes de primeira e segunda instâncias. Além disso, a ansiedade de conhecer os pré-candidatos gerou a antecipação informal da campanha atual, o que vai contra a determinação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). E daí?

Em meio a esse emaranhado, vem acontecendo um trabalho coordenado com a participação das entidades de classe. O agronegócio entregará aos candidatos um plano de Estado com a visão do todo, das suas relações, do que é prioritário e do que é urgente. Este trabalho será debatido no 17º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), da ABAG e da B3, em que os focos são exatamente a relevância do que será o Brasil nos próximos anos e a sua presença no mercado internacional. ■

